

Quando um 'b' pode ser um 'd'?

Dislexia ou dificuldades de aprendizagem duradouras

No caderno aparecem as primeiras palavras. As frases no livro começam já a fazer algum sentido. Mas eis que surgem algumas dificuldades. Trocam-se as letras na escrita. A leitura corre mal. A professora corrige. Os meninos aprendem. O pior é ir ao quadro. Mete medo. Este é o cenário da dislexia. Afecta crianças e adultos que nessa idade nunca souberam os porquês de 'ser assim'. De ter de usar o relógio no pulso direito para distinguir a esquerda e de nunca ter interpretado um texto à primeira.

Na sala de espera a mãe cruza e descruza a perna. A carteira é remexida sem que nada seja retirado ou colocado nela. A filha diz que esteja quieta, mas é ela quem não tem sossego. Inês mete conversa. 'Lê isto!', ordena apontando para o título de uma das revistas pousadas numa mesinha. 'Estás a ler muito devagar!', avisa com cara zangada e dedo indicador no ar. 'Anda lá, tens de ler mais depressa!' No gabinete de orientação pedagógica da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto, Helena Serra, coordenadora, atende crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

Inês tem 7 anos, está na 2ª classe e frequenta uma escola particular. A professora disse à sua mãe que ela não aprendia como os outros meninos. 'Mas a Inês é tão esperta?!' A convicção fez a mãe desconfiar da atitude da professora. 'Ela está na escola para aprender. E se está atrasada em relação aos outros a professora tem de a ensinar, não é assim?' A pergunta fica sem resposta. Mas avançam as justificações. 'Eu trabalho, tenho a vida de casa e ainda tenho de ter tempo à noite para ensinar a tabuada à Inês?' Outra pergunta, a mesma resposta. Para acabar de vez com as dúvidas sobre as capacidades da Inês, a mãe trouxe-a à consulta de orientação pedagógica. Quando chega a vez da filha, o nervosismo da mãe aumenta. Inês entra sozinha. Vai fazer uns testes com a professora Helena. Cá fora a mãe prepara-se para enfrentar o veredicto. E como se de um julgamento se tratasse começa a defesa de Inês: 'A miúda chega do colégio deprimida e irritada. Queixa-se que a professora a põe junto de outra menina como ela e diz que preferia estar com os outros meninos?' A preocupação da mãe é a de que a professora possa estar a pôr a filha 'de lado'. Ou a esteja a tratar como uma 'burra'. 'Logo ela, a Inês, que é tão esperta?! Não viu?'

Há anos que Helena Serra, vem alertando pais, educadores e professores para os casos de dislexia. A Associação Portuguesa para a Dislexia (criada em 2000), da qual é vice-presidente, também. Pelas contas de alguns especialistas internacionais na área, estima-se que 10 a 15% dos alunos de uma qualquer escola básica possam sofrer de dislexia. Nos livros, a patologia aparece descrita como uma dificuldade específica ao nível da descodificação e da compreensão da leitura e da escrita originada pela falta de aquisição do seu automatismo. A leitura implica a existência de um conjunto de competências [ver caixa]. Mas numa criança dislexica algumas delas podem não estar devidamente desenvolvidas do ponto de vista neurológico. É aqui que reside a importância da reeducação. O que o disléxico não adquiriu automaticamente 'através das interações com o meio' pode adquirir pelo treino.

Na sala de aula, as consequências da dislexia são mais evidentes que a sua definição. As dificuldades começam logo na descodificação das letras: atribuição de um significado a um sinal. Olhar, por exemplo, para um 'b' e associar-lhe o respectivo fonema e o grafema. E ao fazê-lo, reconhecer que essa letra se distingue do 'd'. Ou distinguir o 'p' do 'q'. São perninhas para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda. Aparentemente memorizar a grafia das letras é tarefa fácil. Mas, e se a memória visual é umas das competências que a criança não desenvolveu? Além disso, 'o acto de ler pressupõe não só um reconhecimento visual, como um auditivo e associativo entre ambos', assegura Helena Serra. É preciso compreender os sons para atribuir significados: 'O 'j' e o 'xe' (x) são coisas tão próximas e tão diferentes?', aponta a professora. O mesmo acontece com o 'f' e o 'v'. Foi por confundir estas letras que um menino escreveu que queria ser 'vutebolista'. Alheia a estas explicações está Inês. No gabinete repete uma sequência de palavras que tentou memorizar, faz simetrias e escreve frases em folhas brancas: 'O menino e a todos os dias brincar cou o cão.'

Independentemente das causas, as consequências da dislexia ao nível da aprendizagem podem ser atenuadas. Através de uma reeducação pedagógica: um professor pode treinar as competências em que a criança apresenta dificuldade através de exercícios. Deste modo ela habituar-se-à a fazer determinada tarefa e a arranjar estratégias para se defender das suas 'incompetências'.

Porém, o sucesso da reeducação depende do diagnóstico precoce da ausência de tais competências: preferencialmente até aos 7 anos. A explicação é simples. Até a essa idade a maturação dos centros nervosos está num período 'fulminante', justifica Helena Serra. O que se torna bastante vantajoso para todo o processo. 'O importante é que o professor de uma criança disléxica saiba que o facto dela não perceber que *botão* rima com *feijão* [ausência de percepção auditiva] não é por falta de repetição da tarefa, nem por falta de inteligência.' Às vezes o problema começa aí. Muitos casos de dislexia passam despercebidos aos olhos de educadores e

professores e não obtêm respostas educativas dentro do estabelecimento de ensino. Mas numa escola que se quer inclusiva, o aluno com dislexia não pode ser troçado pelos outros, injustiçado pelo professor, nem ignorado pelo sistema?, adverte Helena Serra. Ainda assim, a rede de respostas educativas diferenciadas é bastante assimétrica?, assegura. Isto, apesar do decreto-lei 319/91 estabelecer que cabe aos estabelecimentos de ensino a criação de respostas adequadas para alunos com dificuldades específicas de aprendizagem. Por isso a professora não estranha o aumento do número de gabinetes de orientação pedagógica, privados. Embora defenda também a sua criação dentro dos estabelecimentos de ensino. Afinal, os lugares da educação.

Neste cenário ideal, as crianças disléxicas teriam à sua disposição um professor com formação, ou até especializado, em Educação Especial. E seria esse um dos espaços possíveis para a reeducação. O facto de este tipo de apoio pedagógico extra poder estender-se até aos 2 anos torna mais urgente a existência de respostas educativas dentro da escola regular pública. Sob o risco de se tornar inoportuno para muitos pais.

Auto-estima afectada

A falta de sensibilidade para os sinais de alerta da dislexia gera um grande conflito interno nas crianças. Por um lado elas sabem que são espertas, criativas, por outro lado dão-se conta de que o colega do lado lê em voz alta mais depressa e sentem-se humilhadas quando vão ao quadro porque dão erros. Enquanto experimenta o insucesso dia após dia, perante a classe e para si mesma, a criança perde auto-confiança e auto-estima. A escola torna-se um suplício. Aprender um castigo.

Rosa Maria viu tudo isso acontecer ao seu filho de 11 anos, a frequentar o ensino público. No 1º ano o Gonçalo chegava a casa e não relatava absolutamente nada do que fazia na escola. O silêncio dizia que Gonçalo não se estava a integrar. A mãe, educadora de infância, percebeu cedo que o filho tinha dificuldades pouco normais. E não descansou enquanto não encontrou uma razão para elas.

Na escola a professora dizia que o Gonçalo era muito mau [aluno?], conta Rosa Maria. No entanto, os testes de QI (Coeficiente de Inteligência) do filho estavam acima da média. Algo não batia certo.

De psicóloga em psicóloga, Rosa Maria descobriu que o filho tinha dislexia. Reuniu informação sobre o problema e facultou-a à professora, que desconhecia o assunto. A partir daí a vida escolar de Gonçalo ganhou outra cor.

Este ano, com o filho a passar para o 2º ciclo, a mudar de escola e de uma para várias professoras, Rosa teve de começar a sua campanha de sensibilização para a dislexia do zero. Voltou à escola, falou com a directora de turma do Gonçalo e o seu esforço deu frutos: conseguiu que uma professora extra fosse destacada para apoiar o filho durante as aulas de dois blocos de matemática e português.

Entretanto, o segundo período já lá vai e Gonçalo não tem negativas. Além disso está a fazer progressos. Graças à mãe que nunca desistiu dele. Às vezes enquanto fazemos exercícios juntos ele diz-me: Mãe, eu não consigo porque sou burro. E eu tenho de estar constantemente a repetir: Tu consegues, tu consegues!?

Mas há quem chegue ao fim da sua escolaridade sem nunca ter percebido que as dificuldades de aprendizagem que sempre o perseguiram tinham uma razão neurológica. E não eram falta de estudo ou de inteligência. Em cada semana de consultas de apoio pedagógico, Helena Serra detecta 5 a 6 casos de dislexia em alunos a frequentar o ensino secundário. Uns lêem de forma fluida, mas quando peço que me digam o que o autor diz no parágrafo que leram eles respondem que têm de ler outra vez, pois nunca entendem um texto à primeira?. Nestes casos, adianta a professora, o problema não está na descodificação do texto, mas na leitura de compreensão.

Não faltam a Helena Serra histórias de dislexia em adultos. Recentemente foi procurada por uma aluna de 24 anos. Tinha desistido de fazer um teste que lhe daria a licenciatura de Engenharia - Química. Tudo porque o enunciado era extenso e ela tinha perdido imenso tempo para o descodificar, para ter a certeza de que o tinha percebido bem. Veio à consulta para eu lhe dizer porquê que ela funcionava assim.?

A mãe da Inês também foi à procura de respostas. A miúda continua no gabinete. Tenho a certeza de que não está a fazer nada de jeito. Ela só faz o que tem vontade de fazer?, sorri preocupada com o desempenho da filha. Alguns minutos depois, Inês abre a porta e chama-a. Chegou a hora de saber os porquês. Helena Serra explica que a Inês mostra maior competência relativamente às crianças da sua idade na argumentação e na liderança. Isso vem dar razão à mãe: a miúda não é burra, pensará para si própria. No entanto, há sempre um mas? nestes casos, a Inês tem algumas competências próprias da sua idade que não estão tão desenvolvidas como deveriam. E por isso Inês escreve *o menino e a?* em vez de *ia?*. Explicações dadas, a ansiedade da mãe diminui. Tem mais certezas. Mas uma dúvida subsiste: A Inês é disléxica, e agora??

Aprender a ler

O acto de ler pressupõe a existência de um conjunto de competências básicas que resultam da interacção da criança com o meio que a envolve. Quando uma criança não desenvolve estes pré-requisitos a leitura fica comprometida.

Orientação espacial: em baixo, em cima, dentro, fora.

Orientação temporal: o que vem antes e depois; na palavra bola, o *la?* vem depois do *bo?*.

Lateralidade: distinguir a direita e a esquerda; no *p?*, a *perninha?* é à esquerda.

Esquema corporal: o modo como vê o corpo como um todo.

Percepção de memória auditiva: memorização dos sons e das palavras ditas.

Percepção de memória visual: memorização da forma das letras e das palavras escritas.

Ritmo: as pausas entre as letras ou as palavras: quando na palavra *ia?* a criança faz uma pausa entre o *i?* e o *a?* escreve *ae a?*.

Motricidade fina: o desenhar das letras.
Linguagem